

Criminologia da libertação:

A construção da criminologia crítica latino-americana como teoria crítica do controle social e a contribuição desde o Brasil

Jackson da Silva Leal

Vol. 3

Coleção
Percursos Criminológicos

Gustavo Noronha de Ávila
Marcus Alan Gomes
[Coords.]



editora
D'PLÁCIDO

Criminologia da libertação

A construção da criminologia crítica
latino-americana como teoria crítica do
controle social e a contribuição desde o Brasil

Criminologia da libertação

A construção da criminologia crítica latino-americana como teoria crítica do controle social e a contribuição desde o Brasil

Jackson da Silva Leal

Vol.3

Coleção
Percurso Criminológicos



Copyright © 2017, D'Plácido Editora.
Copyright © 2017, Jackson da Silva Leal.

Editor Chefe
Plácido Arraes

Produtor Editorial
Tales Leon de Marco

Capa, projeto gráfico
Letícia Robini
Bárbara Rodrigues
(imagem por Annie Spratt, via Unsplash)

Diagramação
Bárbara Rodrigues da Silva

Editora D'Plácido
Av. Brasil, 1843, Savassi
Belo Horizonte – MG
Tel.: 31 3261 2801
CEP 30140-007



WWW.EDITORADPLACIDO.COM.BR

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
por quaisquer meios, sem a autorização prévia
do Grupo D'Plácido.

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

LEAL, Jackson da Silva.

Criminologia da libertação -- Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2017.

Bibliografia

ISBN: 978-85-8425-671-6

1. Direito. 2. Criminologia Crítica 3. Teoria da Libertação I. Título.

CDU343.9

CDD 341.5

GRUPO
D'PLÁCIDO



*
Rodapé



[cada trabalho/vida, tem a sua trilha sonora]

...e por falar em música...

“Believe, Believe in me Believe. That life can change. That you’re not stuck in vain. We’re not the same. We’re different.”

(Tonight, Tonight – Smashing Pumpkins)

“Yesterday I got so scared, I shivered like a child. Yesterday away from you. It froze me deep inside.”

(In Between Days – The Cure)

*Este trabajo es dedicado a querida Lolita; j
que se quede en paz!!*

Agradecimentos

Não se poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram intencionalmente ou não com esse trabalho, sendo em primeiro lugar a minha própria família, composta mais diretamente por minha esposa e filho, Roberta e Juan, e minha mãe, Margarete. E não poderia deixar de mencionar, ainda que em memória, meu pai Donato, que penso estaria feliz com esta conquista, e, sobretudo com esta trajetória. Assim espero! E, como não poderia deixar de ser, o último membro da família, um ser de quatro patas, chamado Jake, que não precisa falar para demonstrar seu sentimento e seu companheirismo, e posso ter a certeza quando afirmo que ele esteve junto na construção desta tese, pois permaneceu presente comigo ao longo de toda a sua construção.

Também, a esse signo família, que no decorrer dessa trajetória se altera, sendo algo bem maior e mais importante (às vezes quase mecânico) que o mero vínculo sanguíneo ou de hereditariedade; essa significação toma as feições da família que queremos ter, que ousamos fazer, e das pessoas que se fazem nossa família, e a essas pessoas também devo render os devidos e muito sinceros agradecimentos, à família que escolhi e me permiti ter.

Primeiramente, como não poderia deixar de ser, agradeço à professora Vera Regina Pereira de Andrade, que orientou este trabalho e esta trajetória muito antes de o curso de doutorado começar, e que certamente perdurará como guia depois que essa etapa chegar a seu fim; à professora Vera que mais que orientadora é uma amiga, sempre preocupada com as pessoas que a rodeiam e, muito embora seja uma eterna preocupada e comprometida

com a excelência acadêmica, está mais focada em contribuir com a formação de sujeitos mais humanos em sua imensa, falha e demasiada humanidade, preocupada, assim, em formar sujeitos conscientes e comprometidos com a realidade na qual devem mergulhar. E ainda, representa e encerra um ciclo, longo, que parecia tão distante ou mesmo inalcançável se visto lá de trás, e que se encerra com a professora Vera, da melhor forma que poderia se encerrar, ou seja, com a melhor, mas que teve em sua trajetória importantíssimos professores, grandes mestres, e necessito citar a honra de poder fazer parte das relações e de conviver com o professor Antonio Carlos Wolkmer, ou ainda os predecessores, que, de uma forma ou de outra, estão todos presentes neste trabalho, como o professor Luiz Antônio Bogo Chies, o professor Marcelo Oliveira de Moura, e a professora Raquel Fabiana Lopes Sparemberguer.

Ao amigo e companheiro de longa data, desde a graduação, o hoje professor Lucas Machado, que se tornou membro dessa família, e com quem partilho, além dos trabalhos e dos esforços acadêmicos, também grande parte da trajetória até aqui vivida.

Todos os outros amigos, que não tenho a pretensão de nominar, sob pena de cometer injustiças, e felizmente são muitos, mas não poderia deixar de citar o Robinho e a Jaque, que nem a distância e os caminhos da vida os separou de nós. Caminhos e descaminhos esses que nos levam aos lugares, e às pessoas... e em Florianópolis (na verdadeiramente mágica ilha) nos permitiu conhecer pessoas fantásticas que as represento na figura de Morgs e Andreu.

Não poderia deixar de citar também os camaradas do programa de pós-graduação da UFSC, especialmente os colegas membros do projeto Universidade sem Muros, do qual é uma honra fazer parte, e cito especialmente a professora Fernanda Martins, e o grande amigo e camarada Eduardo Granzotto, por quem nutro grande admiração, e estendo o abraço a todos os outros; também os companheiros Debora Ferazzo, e o cabeludo Emiliano Maldonado e o colorado Luis Orio.

Assim, como não poderia deixar de mencionar o curso de Direito da UNESC, que me acolheu, e a Universidade do Ex-

tremo Sul Catarinense que tem proporcionado as condições de trabalho para a conclusão desta tese.

Também, a Comissão de Aperfeiçoamento Pessoal em Nível Superior (Capes) por ter provido o fomento para esta pesquisa, principalmente no período de residência em Florianópolis; e ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGD-UFSC), a todos seus professores.

E, por fim, aos meus alunos e, sobretudo (des)orientandos que muito felizmente já não são passíveis de nominar sob pena de cometer injustiças; mas gostaria de representá-los na figura dos meu primeiro bolsista Fernando Vechi, as das minhas primeiras orientandas Anny e Kedi; assim também não poderia deixar de apontar a importância da construção e das pessoas que fazem parte do Grupo de Criminologia Crítica Latino-americana (UNESC).

Por fim, representando os alunos em geral, em um mandato por mim definido de forma até arbitrária, o querido e paradoxalmente militar favorito Ricardo Ribeiro, que simboliza o que poderia ser o ápice da contrariedade e da discordância, mas que se tornou uma relação de grande amizade, de respeito e aprendizado mútuo.

Por derradeiro, gostaria de reafirmar que cada um contribuiu de uma forma inestimável para a construção deste trabalho, sobretudo com o objetivo de aperfeiçoar a prática da docência e da pesquisa, e, principalmente, da minha condição humana. Por favor, e muito sinceramente, sintam-se todos parte deste trabalho!

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio: Reconstruindo a Criminologia da Libertação-tributo a Lola Aniyar de Castro: dos sentidos da latinidade aos silêncios da brasilidade	17
Apresentação	29
1. Introdução	31
1.1. Aportes metodológicos: a difícil tarefa da pesquisa e a construção do saber desde a margem – o método analético e a libertação.....	52
2. O acúmulo criminológico: Entre o tradicional e as constantes rupturas	65
2.1. O nascimento e o desenvolvimento da criminologia tradicional.....	66
2.2. A tradução/recepção do positivismo criminológico na América Latina.....	89
3. As constantes rupturas:A criminologia liberal burguesa de médio alcance	109
3.1. A caminho da segunda ruptura: a criminologia crítica e a junção micro e macrocriminológica: a necessidade de um saber libertador para uma região marginal.....	133

3.2. A persistência da ideologia da defesa social e do paradigma etiológico.....	158
4. A edificação de uma região marginal: Processo formativo da américa latina e do brasil.....	173
4.1. Em busca da latinidade: a formação sócio-histórica.....	175
4.2. Paladino da ordem e do progresso: o específico contexto brasileiro.....	205
5. A revista capítulo criminológico (1972-1990): A estruturação do campo criminológico crítico latino-americano.....	221
5.1. A edificação de um eixo teórico central para a criminologia crítica latino-americana.....	223
5.2. As múltiplas faces da realidade criminal latino-americana.....	256
6. A revista doutrina penal (1978-1990): A construção das ciências criminais a partir do debate teórico.....	297
6.1. Elementos teóricos acerca da criminologia enquanto disciplina.....	298
6.2. Adjacências fundamentais: ditadura e anistia; crimes de colarinho branco; o reformismo penal e o sistema penitenciário; e a problemática das drogas.....	322
7. A inserção do brasil na produção do saber penal-criminológico.....	365
7.1. A produção de saber penal e criminológico no Brasil entre 1973 e 1990.....	367
7.1.1. Os criminologistas brasileiros: a manutenção do legado positivista etiológico.....	368

7.1.2. Os penalistas críticos e a advocacia militante.....	397
7.1.3. Os criminólogos e o diálogo marxista com o centro.....	414
8. Conclusões: Em busca de uma síntese entre a criminologia auxiliar e a criminologia da libertação.....	431
Referências.....	447

Prefácio:

Reconstruindo a Criminologia da Libertação- tributo a Lola Aniyar de Castro: dos sentidos da latinidade aos silêncios da brasilidade

A obra que tenho a honra de prefaciар nasceu como tese de doutorado desenvolvida pelo professor Jackson da Silva Leal junto ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina entre os anos de 2014 e 2016.

Como bem sabe – e o disse – o autor desta “viagem” pelas trilhas da libertação latino-americana, e cujo foco é a exuberante trilha “criminológica”, a construção de uma tese de doutorado é mesmo uma viagem marcada pela indissociabilidade entre o coletivo e o singular. É na convergência de múltiplos encontros e sentidos, amalgamada por instantes – que parecem eternos – de solidão, que ele registra ter viajado. E assim o é.

Escrever, sobretudo uma tese, é vivenciar uma sucessão de aclives e declives sucessivos, que alternam, nos altares da criação, a nossa mais baixa e alta estimas; as horas em que nos sentimos limitados e impotentes, com aquelas em que louvamos nossa potente inteligência. Um dia alçamos o instante da horizontalidade e o difícil, quase impossível, ponto final acontece, ainda que para reafirmar a eterna incompletude, marca da dinâmica de conhecimento, vez que as questões por resolver se multiplicam em razão muito mais do que proporcional àquelas aparentemente resolvidas. É com este sentido entrecortado entre o coletivo e o solitário, o fim e o recomeço, a morte e a vida, como se verá, que esta obra finaliza.

Talvez por isso, apreciado autor, o acalento da “trilha sonora”, que, como compartilhas com teus leitores, embalou a viagem com suas canções significativas, tenha sido tão importante para simbo-

lizar a história invisível que aqui se consubstancia. Aquela história que não é contada no espaço de uma defesa pública nem nos limites de uma escritura, mas que as condiciona, inexoravelmente.

Tendo tido a ventura de partilhar com o autor, da sala de aula à orientação, entre tantos outros momentos dialógicos, muitas trilhas desta história invisível, que imprimiram sentido às suas escolhas, aquelas em que reencontro sua Mãe Margarete, sua esposa Roberta, seu filho Juan, seu Dog Jake, seu amigo Lucas entre tantos (e nominados) cúmplices das suas pequena e grande famílias; tendo tido a ventura de acompanhar as pegadas teóricas e práticas que desde os trabalhos de monografia e dissertação junto à Universidade Católica de Pelotas interpelavam-no, é chegada a hora de celebrar o resultado que, após o longo vaticínio do ponto final, verte dos seletivos bancos acadêmicos para a mirada mais alargada da sociedade.

Jackson da Silva Leal fez a sua viagem embalado pelas canções da sua trilha sonora e trouxe da sua história a melhor bagagem acumulada que possuía e na UFSC continuou haurindo, entre seus mestres e colegas do passado e presente numa ambiência de liberdade acadêmica (consagrada por gerações de pensamento crítico), ainda que numa Instituição e numa sociedade já golpeadas pela privatização dos espaços públicos, pelo eficientismo acadêmico e pela destrutividade humanista impostos pela tirania neoliberal.

Haveria muitas formas de fazer essa viagem, de olhar essa paisagem, de escutar as suas canções. A viagem poderia ter sido um rápido passeio, o olhar e a escuta perfunctórios, mas Jackson Leal, como um pensador de raiz, fez justiça à tradição do pensamento crítico latino-americano que revisita, primando pela firmeza das posições político-epistemológicas a favor do povo e dos sujeitos dominados e subalternizados, pela profundidade analítica e o zelo metodológico.

Prima facie, o autor exerce um cuidadoso trabalho de explicação dos termos em que a obra se desenvolve, e sendo ela autoexplicativa liberaria sua Prefaciadora de qualquer auxílio neste sentido. Entretanto, tais explicações reaparecem, mas a título de sublinhar alguns de seus principais méritos.

O primeiro deles, do qual resultam os demais, é a importância e a força das próprias escolhas: o que pesquisar, como pesquisar por que e para que(m) pesquisar. Metaforicamente, para onde, com quem e por que viajar?

É que o roteiro das escolhas condicionou, em grande medida, a fecundidade da viagem, ainda que atravessada por inesperado e comovente luto: quase ao final, perdeu-se uma estrela, a estrela-guia Lolita, a quem a obra se apresenta agora como homenagem e tributo póstumos, pois que dela é referência político-epistemológica central.

Testemunha assim o Professor Jackson ver-se diante de “um compromisso hercúleo, quando, já quase ao seu final (em fase de redação), em 7 de dezembro de 2015, se recebe a notícia do falecimento da principal referência teórica que permeia o trabalho, a autora de *Criminologia de La Liberación* e *Criminologia de La reacción social*, a professora da Universidad de Zulia na Venezuela, Lola Aniyar de Castro”, ““incansável lutadora”, “a quem o trabalho é dedicado, em reconhecimento ao seu inestimável tributo para a Criminologia, a região latino-americana e os povos oprimidos.”

O objetivo geral perseguido é resgatar o processo de construção da criminologia crítica latino-americana como Teoria Crítica do Controle Social, ou *Criminologia da Libertação*, (Lola Aniyar de Castro) enquanto esforço coletivo de uma Criminologia construída a partir da e preocupada com a realidade da região em que se situa. Uma criminologia vocacionada para pensar a questão criminal a partir da realidade latino-americana, subalternizada e marginal, suas estruturas e relações de controle social, em especial de controle penal estatal, situando o Estado no centro da análise. A seguir indagando, em específico, qual a participação do Brasil, enquanto locus de produção de saber, neste processo. E o faz a partir de pesquisa bibliográfica em cujo centro está o acervo das duas mais importantes Revistas latino-americanas que documentaram a história cultural da época (1973-1990) a saber, a Revista venezuelana *Capítulo Criminológico* e a Revista argentina *Doctrina Penal*, alçadas aqui ao estatuto de fontes primárias.

A desafiadora escolha vai incidir justamente no ponto de convergência e intersecção dos dois grandes projetos de pesquisa

(“Em busca da Latinidade criminológica: da recepção da Criminologia crítica na América Latina à construção de Criminologia(s) crítica(s) latino-americana(s)” e “Em busca da Brasilidade: bases para uma criminologia crítica do controle penal no Brasil”) que, no marco das linhas de pesquisa “Sociedade, controle social e sistema de justiça”, coordenei junto ao PPGD-UFSC, entre os anos de 2006 a 2016, enquanto projetos gerais (guarda-chuvas) que, tanto abrigaram várias pesquisas individuais em nível de monografia, mestrado e doutorado, quanto foram fontes de conhecimento para o Ensino e a Extensão da disciplina Criminologia (entre outras), promovendo intensa partilha de diálogos e aprendizados na sala de aula, nas prisões ou nas comunidades, conforme o autor historia na Introdução.

Trata-se, pois, de buscar a latinidade criminológica e, no interior desta, a brasilidade criminológica, e seu contributo (local) ao projeto latino (regional); e de buscá-lo reconhecendo e partindo do conhecimento criminológico acumulado, concebido como marcado por contradições, permanências e rupturas (ao invés de linear e evolutivo), e legando com sua pesquisa significativos avanços ao campo de estudos e as marcas da originalidade e ineditismo de uma tese de doutoramento. E assim vão se sucedendo os seus méritos.

Uma dessas mais relevantes marcas é o tratamento conferido pelo autor ao ideal da “Libertação”. Percebendo sua centralidade na pesquisa, propõe inserir e realinhar a Criminologia assim adjetivada no horizonte do movimento e do contexto mais amplo da libertação latino-americana, que surge entre 1950-1970 com a Filosofia da Libertação, mediante a proposta do Filosofar (pensar) Latino-americano, que quer dizer a produção de um saber próprio, com autonomia no pensar.

Concede especial atenção para o que significou essa proposta de libertação da região marginal latino-americana, como, quando e com quem surgiu (traçando sua identidade teórico-ideológica) e se espalhou por diversas áreas do conhecimento e da atuação humanas, constituindo-se em um importante locus de atuação sociopolítica. A Criminologia da libertação não está só: ela reaparece jungida como o movimento, como uma de suas frentes, ou, pelo menos, em diálogo com ele.

A partir dos elementos extraídos da pesquisa busca a aproximação deste campo criminológico latino-americano com os elementos identificadores da teoria da libertação (especialmente a partir da filosofia), apresentando-as a partir de determinados elementos constitutivos, a saber: 1) autenticidade do pensamento; 2) contextualização; 3) exterioridade e 4) transformação social.

É no marco da categoria “exterioridade” (Henrique Dussel) que formula então importe precisão de método, advertindo ser necessário, ainda que não suficiente, para a Criminologia crítica latino-americana, a herança do método dialético proveniente do materialismo histórico, que presidiu à Criminologia crítica central, por aportar fundamentais elementos de análise estrutural, mas, tendo como base empírica o centro capitalista e sua realidade não integrou ao seu pensar o indivíduo e a opressão latino-americanos

O caráter libertário da latinidade criminológica interpela, portanto, a “decolonização” metódica, a tarefa de ir por dentro da dialética e para além dela, para ancorar o método como momento *ana-dialético*; ou seja, como a “subsunção da crítica que nega os indivíduos que são invisíveis ao seu pensar”, para partir da face da exterioridade.

E partir da face da exterioridade, das “sombras” deste centro, significa partir das figuras por ele ocultadas ou sonegadas da realidade latino-americana: o negro escravo, o campesino expropriado, o índio exterminado, ou mesmo o marginal criminalizado, todos vítimas de um processo de controle social que se constitui em *modus* de produção de violência estrutural e institucional. Particularmente, acrescentaríamos à análise do autor as dimensões de gênero, sexualidade e geracionalidade, entre outras.

Observamos também que, com outro ou com vocabulários diversos do Método analético, foi precisamente a assunção do ponto de vista dos oprimidos, que assumiram os criminólogos e as Criminologias críticas latino-americanas em todo o seu esplendor.

É assim que, continuando a viagem libertário-analética, cujas paisagens e cenas nunca deixam de sobressaltar o viajante, seja pela força das violências, seja pela força das lutas de resistência, no movimento das quais se insere e elegeu viajar, a parada na categoria contextualização vai ao encontro da específica identidade

dos nossos problemas e que centraram à atenção da Criminologia na região, com claro protagonismo de Lola Aniyar de Castro , Rosa del Olmo, Roberto Bergalli, Eugênio Raúl Zaffaroni , entre tantos outros, em diálogos com Alessandro Baratta: a quantidade e qualidade das violências dos controles sociais formais e informais, do Estado, suas dimensões subterrâneas de arbítrio ilimitado, seletividade diferenciada, extermínio, criminalidade de colarinho branco precisamente na conexão entre o capitalismo de base escravista e o Estado estruturalmente privatista e contextualmente ditatorial, corrupção, drogas, violências contra mulheres, jovens e adolescentes.

Na esteira da Libertação e do método enunciado o autor revisita a construção dos pensamentos criminológicos latino-americanos, do positivismo ao criticismo, objetivando demonstrar os condicionamentos, e influências operadas desde o centro do mundo econômico-político-científico e ao mesmo tempo, seus condicionamentos regionais; ou seja, revisita a herança teórica, empírica e política da criminologia, que é trasladada para a América Latina, e funcionalizada para a sua realidade, por meio do que Máximo Sozzo (2014) chamou de *viagem cultural* (um processo de tradução criativa e não apenas reprodução mimética), de modo a cumprir uma função “científica” legitimadora das estruturas de poder (especialmente da violência estrutural e institucional punitiva) e da própria dependência (no caso da histórica permanência do positivismo na região) ou de sua deslegitimação (no caso do pensamento crítico).

Dessarte, essa análise ocupa um lugar importante na pesquisa (objeto dos primeiro e segundo capítulos) porque, demonstrando sua ambiguidade (permanênciasmudanças e rupturas deconstrutoras)ela constitui a base para, nas palavras do autor, “ poder pensar em uma Criminologia Latino-americana que não parte de um marco zero, mas sim, dessa indigesta tradição permeada, como se viu, por constantes avanços críticos e rupturas epistêmicas e recorrentes retrocessos, mas que são fundamentais para compreender a formação e afirmação da criminologia lá e cá e suas interpelações.”

É chegado então o momento de afirmar um conseqüente conjunto de escolhas político-epistemológicas que nortearão os três capítulos subsequentes : revisitar o peso que o Estado, e desde já, a violência de Estado (notadamente do poder punitivo e do controle social que emoldura) tem na configuração da região latino-americana e na violência estrutural que oprime e vitimiza seus povos e indivíduos. E entram em cena aqui percursos pela teoria da dependência associados a percursos pela historicidade da formação social da região latino-americana e brasileira em particular, bem como e a força das fontes primárias consubstanciadas nas Revistas de Criminologia e Direito Penal, pelas mãos de uma outra mulher, também estrela-guia da viagem: “Tal abordagem segue nas pistas da professora Rosa Del Olmo, por meio de sua obra *A América Latina e sua Criminologia* (2004), quando se dispõe a analisar a criminologia regional por intermédio da pesquisa dos temas e participantes, e preocupações encontradas nos eventos ocorridos ao longo do século XX, apontando que, para uma reconstrução da criminologia na região, ela deveria vir acompanhada do estudo das estruturas políticas, e **sobretudo do Estado, a partir da teoria da dependência**, para compreender as estruturas de funcionamento da questão criminal – o que vai apontar não ser o foco daquele trabalho, e que ainda ficaria por ser feito –, o que de forma muito modesta é o que se propõe realizar no próximo capítulo, demonstrando a construção da região enquanto marginal e dependente, tendo o (“indigesto”) Estado em seu centro como uma estrutura fundamental para entender a questão criminal na região latino-americana.”

Relativamente **aos sentidos da latinidade**, a investigação realizada no marco daqueles elementos constitutivos permite ao autor refutar, como uma teoria não factível, o senso muito comum da existência de uma criminologia latino-americana como sendo resultado de um processo de importação e mera reprodução etnocêntrica, seja da Europa ou dos Estados Unidos, visto que os principais pólos de irradiação de teoria criminológica crítica (Inglaterra e EEUU), estavam em processo de constituição como movimento, inexistindo um *locus* de produção de conhecimento e teoria de tal forma sedimentado para que se processasse essa lógica

de importação/imposição, pelo menos em suas vertentes críticas com que se propunha como teoria crítica do controle social;

O contrargumento é o de que a construção da Criminologia Latino-americana embora não partindo, por impossível, de um ponto zero, foi marcada pelo diálogo e intercâmbio decolonizador com a herança teórica¹ do que se havia produzido até o momento, sobretudo a partir da sociologia norte-americana, na conjunção com a teoria materialista histórica de corte marxista, na intersecção contextual e na história regional latino-americana. É isso o que o autor demonstra, ponto a ponto, a partir da chave analítica da libertação, acima referida, "autenticidade-contextualização-exterioridade- transformação social".

Além desse intercâmbio foi marcada pela "interdisciplinariedade: uma conjunção de saberes interdisciplinares, na medida em que se apresenta uma construção criminológica que se utiliza de uma abordagem histórica, situando essa construção na realidade e formação sociopolítica regional. Também de economia política, tendo em vista que se demonstra que um dos principais centros produtores de violência tanto institucional quanto estrutural se encontra na estrutura estatal. Aponta-se a própria filosofia aportando os elementos integrantes e a própria necessidade imperiosa de tomada de consciência através de um saber próprio, formulada desde suas singulares realidades. Um saber próprio cujas marcas são a consciência filosófica de sua condição marginal, que tem por orientação a prática transformadora e a cara dos oprimidos pelo sistema e que se embasa na empiria da realidade material concreta da opressão."

Por fim, *terra brasílis* e criminologia crítica no Brasil. Frustrantemente, esta apareceu como a viagem mais curta, com escassas paisagens de rotas da brasilidade para a latinidade. Pois, no histórico conservador da sociedade brasileira republicana (com matrizes ibéricas coloniais) o autor encontrou um tripé muito

¹ Nesse ponto em que o professor Alessandro Baratta aponta a existência de um processo de produção de conhecimento envolvendo o centro e a periferia em uma relação dialógica-intercambial que se inter-influencia, produzindo um saber sem colonizadores como denomina Andrade (2002; 2012).

claro: um horizonte, até à época, dominado pela permanência do positivismo periculosista estigmatizante e legitimante do controle punitivo desigual e exterminador; a construção de um direito penal crítico de resistência à ditadura militar, com delineado protagonismo de Nilo Batista, Heleno Fragoso entre outros, e a emergência de uma Criminologia crítica, de raiz histórico-materialista, em diálogo mais forte com a Criminologia crítica central do que com a Criminologia latino-americana, com protagonismo de Roberto Lyra Filho e Juarez Cirino dos Santos, sendo que os dois últimos eixos serão coconstitutivos do posterior pensamento crítico brasileiro no campo criminológico.

Nessa direção, a “síntese da posição brasileira dentro desse movimento e esforço de constituição do campo criminológico latino-americano pode ser situada em uma perspectiva mais ampla, denominada como criminologia entre o saber do criminologista, do jurista e do criminólogo crítico.”

Em definitivo, pois, conclui Jackson Leal pelos **silêncios da brasilidade**: “o Brasil não participou do processo conjunto e coletivo de construção da Criminologia Crítica Latino-americana como Teoria Crítica do Controle Social, ou como Criminologia da Libertação, tendo se voltado para a sua própria realidade que estava ainda imersa no paradigma etiológico, e preocupado em colocar em prática a cartilha internacional da nova defesa social orquestrada pela ONU.”

Por último, a “ América Latina do século XXI necessita da retomada de uma criminologia da libertação como pensamento descolonizado da questão criminal, pensamento esse que se apresenta enquanto projeto, esforço coletivo interdisciplinar e transnacional e processo de transformação da estrutura social na qual se insere, cuja marca é a desigualdade e a violência brutal das instituições – o genocídio dos pobres, negros e da juventude, são as veias abertas da América Latina se esvaindo pela brutalidade de seu controle social, a energia e a potência do povo sendo gastas, como diria Darcy Ribeiro, em um moinho de consumir gente (2015).”

E isto porque “(...)a Criminologia Crítica Latino-americana ainda não chegou a cumprir sua missão de

se constituir em práxis, ou seja, não chegou às esferas decisórias e de poder, que continuam sendo o refúgio da ideologia da defesa social e de um ideário violento baseado no perigosismo; estruturas jurídico-penais e político-criminais que se precisa tomar de assalto (para utilizar a expressão de Emilio García Méndez, 1984).”

Esta retomada insere-se no âmbito da agenda que propusemos no marco das já referidas pesquisas “ Em busca da Latinidade” e “Em busca da Brasilidade” e que vêm pautando sucessivas pesquisas e práticas . O pressuposto, do qual estamos convencidos os que embarcamos nesta “viagem cultural”, é o de que a construção tanto da latinidade como da brasilidade criminológica como projeto coletivo e próprio, sem com isso se tornar ensimesmado, mas dialógico, passa pela reescuta atenta do conhecimento acumulado tanto no norte quanto e sobretudo no sul latino e brasileiro, ao tempo do esplendor da construção aqui revisitada pelo Professor Jackson; acúmulo que deve operar como matriz da continuidade desta construção, pela fecundidade dos seus elementos constitutivos.

Nessa direção propus “um desafio e uma convocatória latina: interpelemo-nos por resgatar a utopia dos anos 1970, sobre a base do longo acúmulo criminológico crítico da modernidade-colonialidade. Estamos sem projeto coletivo, politicamente instrumental, para o controle social punitivo, num tempo em que o capital tem um megaprojeto, globalizado. É preciso reativar e ressignificar os dispositivos de resistência que estão aí, dispersos, em busca da latinidade e da brasilidade criminológicas.”²

É preciso seguir viajando nas trilhas da resistência, contra todas as formas de golpismos populares, seja contra as ditaduras militares do passado, seja contra as ditaduras neoliberais do presente .Ao tempo em que nos reafirma o quanto esta retomada criminológica “passa por um processo de libertação filosófica, científica e política”. a tese do Professor Jackson Leal concretiza

² ANDRADE, Vera Regina Pereira de. *Pelas Mãos da Criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão*. Rio de Janeiro: Revan, 2012. Coleção pensamento criminológica, n. 19

um exuberante avanço nesta direção, com a consciência clara, ademais, da incompletude como epistemologia, pois, **“Se o debate não tinha ponto final, esse projeto também não!”** Por isso, Lola Aniyar de Castro, assim como Rosa del Olmo, Alessandro Baratta e suas obras vivem entre nós e para além de nós, gerações que viemos e virão, retomando e recomeçando onde pareceria haver um término, vivificando onde a morte pareceria ter inscrito inexorável ponto final. A viagem é instigante e interpela a todos os latinos e brasileiros preocupados com uma práxis consciente e liberta da dominação e da opressão, precisamente a “libertação” (horizonte utópico e de luta) das múltiplas e contínuas violências enucleadas no poder de punir deste sul do mundo .

Entre o individual e o coletivo, faço minhas e dos nossos Grupos de pesquisa e extensão, a homenagem póstuma à grandiosa Lola Aniyar de Castro, à nossa Lolita, com a gratidão por tudo, e foi muito, o que, dentro da utopia da Libertação nos legou, inclusive uma linda amizade.

Vera Regina Pereira de Andrade
Ilha de Santa Catarina, inverno de 2017

Essa pesquisa buscou a construção da criminologia latino-americana e a contribuição desde o Brasil para o projeto de uma Criminologia Crítica da Libertação como teoria crítica do controle social na América Latina. O campo de pesquisa foi principalmente nos periódicos *Capítulo Criminológico* (Venezuela) e *Doctrina Penal* (Argentina) entre as décadas de 70 e 80. O objetivo é perquirir o processo de construção dessa disciplina comprometida com a realidade social e em dar respostas ao projeto de dominação colonial-burguês, que tem no controle social uma estrutura fundamental de sustentação. A principal hipótese é de que o Brasil, enquanto lócus de produção de saber penal-criminológico, não tenha participado ativamente no processo de construção coletiva, tendo transitado entre uma criminologia positivista de corte etiológico e o saber penal técnico-jurídico dogmático.



ISBN 978-85-8425-671-6



9 788584 256716